

FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DE AULAS

Área Temática de Educação

Resumo

Neste artigo encontram-se a descrição e a análise de aulas de filosofia ministradas através do Projeto de Extensão "Curso de Introdução à Filosofia em Cordisburgo", ocorrido em 2003. Participaram do projeto, além da coordenadora, oito alunos de licenciatura ligados à disciplina Laboratório de Ensino de Filosofia. Um dos objetivos do projeto foi aplicar o trabalho de pesquisa desenvolvido no Laboratório. Objetivos: Pretende-se, a partir da análise de aulas ministradas, refletir sobre as possibilidades da estratégia de ensino de filosofia definida no Projeto. Metodologia: A estratégia para o ensino de filosofia define-se em torno da idéia de articular a experiência cotidiana dos alunos aos grandes temas e textos da tradição filosófica. No caso das aulas abaixo analisadas, pretendeu-se articular o problema das idéias pré-concebidas e ilusões presentes em nossa sociedade ao texto "Alegoria da Caverna", de Platão. Resultados e conclusões: Esta experiência aponta um caminho para a construção de um ensino de filosofia que contribua tanto para a ampliação de conhecimentos quanto para o formação da consciência crítica do aluno. Este caminho, porém, é incipiente e deve ser desenvolvido em relação a outros temas.

Autoras

Telma de Souza Birchall - doutora

Daniela Silva Madureira - licenciada em Filosofia

Cristina Moreira Gonçalves - licenciada em Filosofia

Emília Agnes Assis de Lima - aluna do curso de Filosofia

Evânia França Soares - aluna do curso de Filosofia

Instituição

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Departamento de Filosofia

Palavras-chave: filosofia; educação; ensino médio

Introdução e objetivo

O Projeto de Extensão "Curso de Introdução à Filosofia em Cordisburgo" foi desenvolvido pelo Departamento de Filosofia, no ano de 2003, na Escola Estadual Cláudio Pinheiro de Lima, localizada no município de Cordisburgo, MG. Um dos objetivos do projeto foi aplicar o trabalho de pesquisa desenvolvido na disciplina "Laboratório de Ensino", propondo um programa de ensino de filosofia adequado à realidade e aos recursos de uma escola pública, assim como ao perfil dos estudantes que aí se encontram. O Projeto envolveu oito alunos de licenciatura, que sob a supervisão da coordenadora atuaram como professores da disciplina "Introdução à Filosofia" na Escola Estadual. Foram atingidas cinco turmas do primeiro ano do ensino médio, no turno noturno. O texto aqui presente foi elaborado a partir de notas sobre as aulas ministradas, reunidas e organizadas pelo grupo de professoras acima e a coordenadora.

Metodologia

O referencial adotado pelo Projeto para se pensar um curso de Filosofia para o nível médio pretende, ao mesmo tempo: 1 – garantir a especificidade da disciplina, no sentido de

que um curso de Filosofia deve refletir um campo de conhecimento culturalmente reconhecido, evitando a descaracterização da disciplina; e 2 – trabalhar no sentido de uma adequação dos temas e da linguagem filosófica à realidade vivida pelo aluno.

Em relação ao primeiro item, partiu-se de uma análise e avaliação dos livros didáticos existentes para o ensino da filosofia no ensino médio, assim como da pesquisa de obras que, embora não tendo o caráter especificamente didático, pudessem ser fonte de idéias e temas a serem desenvolvidos em sala de aula. Este trabalho serviu como base para a identificação de um conjunto de temas habitualmente trabalhados em Filosofia e para a seleção de obras que os tratam de forma satisfatória. Em relação ao segundo item, a partir do contato com os alunos e com a escola, procurou-se selecionar entre os temas identificados aqueles que seriam mais adequados à realidade local. Sobre esta realidade, registremos que os alunos estudam no turno noturno, sendo que boa parte deles é formada por trabalhadores, inclusive da zona rural. Não raro encontramos alunos com dificuldade de leitura e compreensão dos textos, assim como de redação. Por sua vez, a escola oferece pouca ou nenhuma oportunidade de desenvolvimento extra-classe (a biblioteca existente é pequena e está sempre fechada, por alegada falta de funcionário; os computadores, embora em bom número, estão fora do alcance dos estudantes).

Os temas selecionados para serem os eixos do curso foram: “O que é filosofia”; “Introdução à lógica”; “O que é o ser humano” e “Ética e política”. Destacaremos, para a análise da estratégia empregada, as aulas em torno do assunto “A atitude filosófica”, dentro do tema mais amplo “O que é filosofia”. Essas aulas desenvolveram-se em torno da leitura e da interpretação do texto “Alegoria da caverna”, que se encontra no Livro VII da República de Platão.

Selecionamos precisamente este conjunto de aulas para ser o objeto deste artigo porque julgamos que elas representam de forma paradigmática a estratégia procurada para o curso e, também, porque tratam de um problema central para quem se propõe a ensinar filosofia, qual seja, a discussão sobre a natureza desta disciplina. A “Alegoria da caverna” é, segundo seu próprio autor, uma descrição da natureza humana no que diz respeito à educação ou à falta dela (ver trecho reproduzido abaixo). Ali se descreve o percurso, em momentos progressivos, de um prisioneiro que se liberta das correntes que o prendem ao fundo de uma caverna, e caminha em direção à luz. No trajeto, ele toma consciência de que o que antes via e tomava como real eram apenas sombras do verdadeiro mundo existente e, sobretudo, toma consciência de si e da sua condição anterior de ignorância. Este trajeto não é percorrido sem percalços e sofrimentos. Reflexão sobre a educação, o texto é também uma reflexão sobre a filosofia, pois o prisioneiro simboliza o filósofo que se liberta do mundo sensível e do engano das aparências e caminha em direção à verdade.

Por seu caráter alegórico, o texto é propício a diversas interpretações e, sobretudo, permite leituras em diversos níveis, sendo, portanto, adequado a um trabalho de introdução à filosofia que não pretende esgotar todas as dimensões de um tema ou texto, mas apenas possibilitar uma primeira apreensão por parte do aluno. O professor, no entanto, deve estar preparado para esclarecer pontos obscuros, o que poderá fazer com o conhecimento da literatura secundária sobre o Platão (o que fez parte da preparação da aula pelos professores). Passaremos a expor, de forma esquemática, o plano das aulas, que será seguido dos comentários sobre seu desenvolvimento efetivo.

Plano de aula

Tema: O que é filosofia

Assunto: A atitude filosófica: Filosofia e vida cotidiana. A crítica do mundo cotidiano.

A indagação filosófica.

Objetivos:

Possibilitar aos alunos um contato direto com um texto filosófico.

Ilustrar, a partir da imagem do prisioneiro que se liberta da caverna, o que vem a ser a atitude filosófica.

Refletir sobre as ilusões e preconceitos presentes em nossa sociedade.

Discutir a importância de tentar enxergar para além das aparências, para além daquilo que é comumente aceito como certo, enfim, de desenvolver a consciência crítica.

Introduzir informações sobre Platão, sua época e seu pensamento.

Aula 1

Tempo previsto: 50 minutos

Objetivo: Leitura e compreensão inicial do texto de Platão.

Primeiro momento: Leitura individual e silenciosa do texto “Alegoria da Caverna”, a partir da adaptação feita por Marcelo Perine publicada pela Editora Scipione (ver abaixo), que visa justamente o público jovem e adolescente. Neste primeiro momento pede-se aos alunos que leiam o texto, com a exceção das duas últimas falas do diálogo, que tratam da interpretação do mesmo segundo o próprio Platão.

Segundo momento: Leitura colaborativa, ou seja, leitura feita em voz alta por alguns alunos e orientada pelo professor, de modo a facilitar a compreensão do texto. O fato de ter sido escolhida uma versão adaptada também contribui para isto. Neste momento, o objetivo é apenas garantir uma apreensão “objetiva” do texto, uma reconstituição da narrativa, e não ainda sua interpretação. Sendo uma alegoria, o texto trabalha com imagens; pretende-se que a descrição nele presente e os diferentes momentos da narrativa sejam bem identificados. Ao final da leitura, o professor pode introduzir, de forma sucinta, alguma informação sobre a biografia de Platão e sobre sua época.

Terceiro momento:

A turma é dividida em grupos e solicita-se a cada grupo que “traduza” o texto lido em uma outra forma de linguagem: desenho, poesia, música, teatro, cartazes, recortes, etc. Os trabalhos dos grupos são iniciados em sala, com material já providenciado pelo professor, organizam-se as tarefas e marca-se sua apresentação para a aula seguinte.

Aula 2

Tempo previsto: 50 minutos

Primeiro momento: Apresentação dos resultados dos trabalhos realizados na aula anterior. Esta é a ocasião de aprofundar a interpretação do texto e a reflexão sobre ele, a partir de questões como: O que significa no texto a caverna? O que significa estar acorrentado? O que representam as sombras? O que significa sair da caverna? Quem são as pessoas que saem da caverna? Por que o prisioneiro volta à caverna? Neste momento os alunos apresentam sua própria interpretação da alegoria. Como o trecho final do texto ainda não foi trabalhado, há uma grande abertura para as interpretações; pretende-se justamente dar espaço para a expressão dos alunos de sua apreensão do texto e dos problemas que eles percebem ter relação com ele.

Segundo momento: Estabelecimento da relação entre o texto “Alegoria da Caverna” e o tema geral “O que é filosofia”. Faz-se a leitura conjunta das duas últimas falas do texto, no qual Platão explica o significado da alegoria. Esta é a ocasião para o professor explorar as metáforas da educação e da filosofia presentes no texto. Platão aí fala do filósofo como aquele que rompe com o senso comum, que vê além das aparências e, também, que vai além do mundo sensível. É necessário que o professor tenha em mente as interpretações já clássicas da Alegoria, sobretudo através da leitura prévia de comentadores do texto de Platão, de modo a enriquecer a apreensão imediata dos alunos. Não é necessária, para os objetivos da aula, a explicação detalhada do complexo pensamento de Platão, mas o momento é propício para uma introdução às idéias do filósofo. Pode-se explorar também a forma do texto, o diálogo, para se pensar o exercício da filosofia. A aula pode concluir-se com a questão: “o que é filosofia?”, e trabalhar as idéias de investigação, de busca da verdade, de desconfiança das

crenças comuns e imediatas e, sobretudo, de autoconsciência. Pois se o prisioneiro aprende coisas novas, aprende a distinguir o falso e o verdadeiro, também aprende, o que é mais importante, algo sobre si mesmo, sobre sua própria condição de ignorância. A maior sombra na caverna é a falsa convicção daquelas pessoas que lá estão de que aquela é a única realidade possível. Nos nossos tempos de um relativismo e subjetivismo, é comum os alunos apresentarem a idéia de que estamos inexoravelmente na caverna e que a saída dela é impossível; também podem compreender a caverna como “a verdade de cada um”. É necessário levar a sério este ponto de vista, porém, consideramos que é importante opor a ela outra idéia: a de que a busca da verdade, mesmo se problemática, é tarefa de todos e o exercício crítico um dever essencial do ser humano.

Aula 3

Primeiro momento: Leitura da história em quadrinhos de Maurício de Souza, no qual o conteúdo veiculado pela televisão é comparado às sombras da caverna de Platão. (Reproduzida em WUENSCH, Ana Míriam e SÁTIRO, Angélica. Pensando Melhor. São Paulo: Saraiva, 1997, p. 32).

Segundo momento: Discussão com os alunos visando identificar as “sombras” do mundo contemporâneo. Questão para discussão: o que significa, nos dias de hoje, a caverna? Como sair dela? Neste momento se articula o resultado da apresentação dos trabalhos da aula anterior com o texto de Platão. Mostra-se que nossa sociedade, como a de Atenas, também pode ser compreendida como produtora de sombras: as imagens que nos são propostas como bens e verdades. Discute-se o papel dos meios de comunicação. A partir da idéia de Platão da necessidade de deixar o mundo sensível, pode-se introduzir uma crítica ao consumismo de nossa sociedade, para a qual o que importa é possuir mais e mais.

Texto utilizado - A República (Livro VII)

Depois disso, Sócrates inventou ainda outra comparação para esclarecer algumas questões sobre a importância da educação dos filósofos para serem os governantes da cidade justa.

Sócrates – Imaginemos que existam pessoas morando numa caverna. Pela entrada dessa caverna entra a luz vinda de uma fogueira situada sobre uma pequena elevação que existe na frente dela. Os seus habitantes estão lá dentro desde a infância, algemados por correntes nas pernas e no pescoço, de modo que não conseguem mover-se nem olhar para trás, e só podem ver o que ocorre à sua frente.

Entre aquela fogueira e a entrada da caverna existe um caminho, ao longo do qual se ergue um pequeno muro, semelhante aos tapumes que os apresentadores de fantoches usam para exibir seus bonecos ao público.

Glauco – Estou vendo.

Sócrates – Imagina também que pelo caminho ao longo do muro passam pessoas transportando sobre a cabeça todos os tipos de objetos: estatuetas de figuras humanas e de animais, feitas de pedra, de madeira ou qualquer outro material. Como é natural essas pessoas passam conversando ao longo do muro.

Glauco – Acho isso muito esquisito, assim como os prisioneiros que você inventou.

Sócrates – Pois eles parecem conosco. Mas continuemos com a nossa comparação. Naquela situação, você acha que os habitantes da caverna, a respeito de si mesmos e dos outros, consigam ver outra coisa além das sombras que o fogo projeta na parede ao fundo da caverna?

Glauco – Com a cabeça imobilizada por toda a vida, só podem ver as sombras!

Sócrates – E também com relação aos objetos transportados que ultrapassam a altura do muro?

Glauco – Exatamente a mesma coisa!

Sócrates – Se eles pudessem conversar entre si, não lhe parece que pensariam nomear de objetos reais as sombras que vissem?

Glauco – Certamente.

Sócrates – Além disso, se a caverna tivesse um eco, quando alguém falasse lá fora os prisioneiros pensariam que os sons fossem emitidos pelas sombras projetadas.

Glauco – Não resta a menor dúvida.

Sócrates – Portanto, os habitantes daquele lugar só poderiam pensar que a realidade seria as sombras dos objetos.

Glauco – É claro!

Sócrates – Imagine agora o que aconteceria se os habitantes fossem libertados das cadeias e curados da ignorância em que vivem. Se libertassem um dos prisioneiros e o forçassem a se levantar de repente, a olhar para trás, caminhar dentro da caverna e olhar para a luz, ao fazer isso ele sofreria e, ofuscado, não conseguiria ver os objetos dos quais só tinha visto as sombras. Que pensa você que ele diria se alguém afirmasse que tudo o que ele tinha visto até então não passava de sombra e que a partir de agora ele estaria mais perto da realidade e poderia ver os objetos mais reais? Não ficaria confuso se lhe mostrassem algum dos objetos transportados ao longo do muro e o obrigassem a dizer o que era? Você não acha que ele pensaria serem mais reais as sombras de antes do que os objetos de agora?

Glauco – Acho que sim.

Sócrates – E se o forçassem a encarar a própria luz? Você não acha que seus olhos doeriam e que, virando de costas, voltaria para junto das coisas que podia ver, e continuaria pensando que elas eram mais reais do que os objetos que lhe mostravam?

Glauco – Exatamente.

Sócrates – E se o arrastassem para fora da caverna, forçando-o a escalar a subida íngreme, e não o soltassem antes de alcançar a luz do Sol, não seria normal que ele ficasse aflito e irritado por ser arrastado daquele modo, e, chegando à luz do Sol, com os olhos ofuscados, nem conseguisse distinguir as coisas que lhe diriam ser verdadeiras?

Glauco – É certo que não conseguiria, pelo menos de súbito.

Sócrates – Precisaria habituar-se se quisesse ver as coisas que existem na região superior. No início veria melhor as sombras, em seguida, veria as imagens dos homens e dos objetos refletidas na água e, por última, conseguiria ver os próprios objetos. Depois disso, poderia contemplar o que há no céu durante a noite, olhando a luz das estrelas e da Lua, com muito mais facilidade do que se olhasse o Sol à luz do dia.

Glauco – Não poderia ser diferente.

Sócrates – penso que, finalmente, ele poderia olhar diretamente para o Sol e contemplar, não mais a sua imagem refletida na água ou em outra superfície, ma o próprio astro lá no céu, tal como ele é.

Glauco – Também penso assim.

Sócrates – A partir daí, ele compreenderia que é o Sol que produz as estações e os anos e que governa todas as coisas no mundo visível, e que, de certo modo, é a causa de tudo o que ele tinha visto na caverna.

Glauco – Certamente chegaria a estas conclusões.

Sócrates – Você não acha que, quando ele se lembrasse da antiga habitação, dos conhecimentos que lá possuía e dos antigos companheiros de prisão, ele se alegraria com a mudança e lamentaria a situação dos outros?

Glauco – Decerto que sim.

Sócrates – Suponhamos que os prisioneiros concedessem honras e elogios entre si, e atribuíssem prêmios a quem fosse mais rápido em distinguir os objetos que passavam, se lembrasse melhor a seqüência em que eles costumavam aparecer e fosse mais hábil em predizer o que aconteceria. Você acha que o prisioneiro libertado sentiria saudades dessas

distinções e teria inveja dos prisioneiros mais honrados e poderosos? Não lhe parece que ele preferiria estar a serviço de um pobre lavrador ou padecer tudo no mundo do que voltar às ilusões de antes e viver daquele modo?

Glauco – Suponho que ele preferiria sofrer qualquer coisa a viver daquela maneira.

Sócrates – Imagina ainda que o homem liberto descesse à caverna e voltasse ao seu antigo lugar: não ficaria temporariamente cego em meio às trevas ao voltar subitamente da luz do Sol?

Glauco – Com certeza.

Sócrates – E se, estando ainda ofuscado, tivesse de julgar aquelas sombras em competição, por acaso não provocaria risos nos prisioneiros que tivessem permanecido na caverna? Não diriam que a subida para o mundo superior lhe prejudicara a vista e que, portanto, não valia a pena tentar subir para lá? Você não acha que, se pudessem, os prisioneiros até matariam quem tentasse libertá-los e conduzi-los para cima?

Glauco – Certamente fariam isso.

Sócrates – Toda esta história, caro Glauco, aplicada ao que dissemos anteriormente, é uma comparação entre o que é visível aos olhos e o que se vê na caverna; entre a luz da fogueira que ilumina o interior da caverna e a força do Sol. É também uma comparação entre a subida ao mundo superior e a visão do que lá existe, e o caminho da alma em sua ascensão ao mundo inteligível. Se você fizer esta comparação, certamente saberá o que pretendi dizer com ela, ainda que só Deus saiba se tudo isso é verdade. Em todo caso, o sentido da comparação é o seguinte: no mundo das realidades que podemos conhecer, a idéia do bem é a que se vê por último e a muito custo. Mas, uma vez avistada, compreende-se que ela é a causa de tudo o que há de justo e de belo. Compreende-se que no mundo visível ela é geradora da luz do senhor da luz, e no mundo inteligível ela dá origem à verdade e à inteligência. Além disso, compreende-se que é preciso vê-la para agir com sabedoria, tanto na vida particular quando na vida pública.

Glauco – Concordo plenamente com você, pelo menos na medida em que consegui entender a sua comparação.

PLATÃO. A República (adaptação de Marcelo Perine). São Paulo, Editora Scipione, 2002. p. 83-86.

Resultados e discussão

Consideramos que as aulas assim conduzidas atingiram os objetivos propostos. Foi possível introduzir um texto filosófico, trabalhar sua leitura e interpretação, fornecer informações sobre Platão e sua época, assim como tomá-lo como ponto de partida para uma reflexão geral sobre a filosofia. Esta foi compreendida como um processo de ruptura com o senso comum e de esforço pessoal em direção ao conhecimento. O texto permitiu a discussão de um tema amplo, qual seja, a necessidade de questionar o que nos é imediatamente apresentado como a verdade das coisas. Um ponto altamente positivo foi o envolvimento dos alunos no momento em que foram solicitados a “traduzir” o conteúdo do texto de Platão para outras formas de linguagem. Além de possibilitar uma aproximação entre o aluno e o texto, neste momento já se inicia o trabalho propriamente interpretativo e reflexivo.

Como um resultado inesperado, a interpretação do texto ofereceu a oportunidade de expressão, por parte dos alunos, de suas preocupações imediatas. Por exemplo, para um dos grupos, a caverna foi comparada à passagem da infância para a adolescência, ao processo de amadurecimento. Foi assim solicitado à professora que trabalhasse, em algum momento do curso, o tema da adolescência e do amor. É certo que o caráter alegórico do texto escolhido contribuiu para o sucesso no tratamento do tema.

Conclusões

A análise destas aulas confirma que a estratégia de ensino acima descrita é adequada para os alunos de nível médio. Ela torna também evidente a necessidade de um trabalho de pesquisa para o tratamento de outros temas a partir da idéia que orientou este projeto, qual seja, a de estabelecer as relações entre textos filosóficos e a experiência de vida dos alunos.

Referências bibliográficas

- ARANHA, M. L. A e MARTINS, M.H. P. *Filosofando. Introdução à Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna. 1993.
- BORNHEIM, G. *Introdução ao Filosofar*. São Paulo: Ed. Globo, 1989.
- CHAUÍ, M. *Convite ao Filosofar*. São Paulo: Ed. Ática, 1997.
- CORDI e outros. *Para Filosofar*. São Paulo: Scipione, 1999.
- LEBRUN, G. "Sombra e luz em Platão". in NOVAES, A. *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. p. 21-30.
- PLATÃO. *A República* (adaptação de M. Perine). São Paulo: Scipione, 2002
- REZENDE, Antônio (org.) - *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./SEAF, 1986
- SOUZA, Sônia M. R. *Um outro olhar*. Filosofia. São Paulo: FTD, 1995.
- WUENSCH, Ana Míriam e SÁTIRO, Angélica. *Pensando Melhor*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- Projeto
BIRCHAL, Telma. *Curso de Introdução à Filosofia em Cordisburgo*. Projeto SIEX 1255. 2003. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG. Belo Horizonte.